

cristaleira: o que não pode ser visto sem desmentir

fabíola rodrigues

Ao nos aproximarmos da pesquisa e experimentações de Érica Magalhães, o que se impõe como prática visual é a observação cuidadosa e atenta sobre o seu fazer artístico. O que num primeiro momento pode causar estranhamento a partir dos modos usuais de ver, com o tempo dedicado descortina-se detalhes sutis, que merecem uma ação voyerística íntima. No campo fenomenológico da percepção nos atravessa a questão: é possível o equilíbrio da leveza?

Com a possibilidade de visualizar o conjunto de sua produção atual, algumas questões se tornaram balizadoras, sobretudo no que se refere a uma possibilidade dialógica entre o ambiente e os distintos trabalhos que ali se encontram. Apropriando-se do cubo branco e da dimensão simbólica das esculturas, dados aos objetos e seus lugares de origem, temos, então, um espaço de características semelhantes como a cristaleira.

Para ver o que não pode ser visto, é preciso imaginar. E, nesse exercício, “cristaleira”, em alguns aspectos, pode apresentar semelhanças em sua descrição. A partir de um repertório imagético e de relações com experiências e lugares de convívio podemos considerar que o que se tem em comum, seja a propriedade de abrigar objetos delicados, a presença de valores imensuráveis e a capacidade de emergir memórias afetivas.

Ao percorrer a mostra é possível vivenciar a experiência de exibição do conjunto de trabalhos em diálogo com o espaço expositivo, sendo possível visualizar uma espacialidade única em consonância com as características primordiais da pesquisa da artista. A ideia de articulação e suspensão estão presentes nas esculturas de variadas formas, assim como a prática de inventariar e colecionar, como as louças de porcelana e outros objetos, que ao apropriar-se os une aos materiais construtivos como o concreto e o vergalhão, que comumente são utilizados na construção civil. Dessa forma, a artista propõe uma lógica inversa, onde a porcelana, com características inerentes de leveza, sustenta a massa densa que, também, unido ao ferro, se constitui como elemento escultórico.

Essa relação entre a espacialidade e a escultura a partir da junção de objetos com propriedades materiais com diferentes finalizações e outros usos nos aproxima da relação de construção da ideação de um corpo-paisagem. De modo a considerar que o corpo está para a paisagem, assim como a paisagem está para o corpo, em suas capacidades de afetar e ser afetado. Como uma nota biográfica de aproximação com as dinâmicas sociais experienciadas pelo seu corpo a partir de suas práticas e vivências.

Ao refletir as existências a partir da forma, Érica Magalhães indica em sua dinamicidade o desafio do que parece ser impossível. Neste encontro de materialidades pouco usuais nas situações escultóricas, apresenta na diferença os referenciais de sua pesquisa. Ao utilizar-se de materiais com propriedades inversas vemos ser tensionadas as dinâmicas relacionais, manifestando-se em afetos no qual podemos considerar uma “arqueologia da leveza”.